Via Litterae
Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800

A representação da paternidade em crônicas: uma análise identitária sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso

The representation of fatherhood in chronicles: an analysis of identity from the perspective of Critical Discourse Analysis

Lucimar Aparecida Silva*, Cláudio Márcio do Carmo*
**Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ)*

Resumo: Este trabalho tem como tema a representação da paternidade em crônicas, cujo intuito é verificar possíveis transformações da figura paterna. Para análise, foram utilizados os grupos nominais constituídos a partir da palavra "pai", trabalhados dentro da perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004), da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e da Teoria das Representações Sociais (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003), conjuntamente a obras específicas (DIAS, 1992; BRUSCHINI, 1993, 2005). A partir das frases categorizadas em termos de Processos e Participantes (Sistema de Transitividade), percebe-se, através da grande prevalência do Processo Material nas crônicas, que ainda é forte a representação paterna, especialmente como figura de poder no eixo familiar. Mas a tensão que indica a possibilidade de mudança é verificada quando esse pai é representado como Experienciador, através do Processo Mental. Pôde-se concluir então que a representação do "pai" nas crônicas é construída na maior parte das vezes como um participante ativo, central na instituição familiar.

Palavras-chave: Representação. Paternidade. Crônica.

Abstract: This paper has as its theme the representation of fatherhood in chronic, whose aim is to identify possible transformations of the father figure. For analysis, we used the nominal group formed from the word "father", worked within the perspective of the Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001) and the Theory of Social Representations (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003), together specific works (DIAS, 1992; BRUSCHINI, 1993, 2005). From the phrases categorized in terms of Processes and Participants System (Transitive System), noticed by the great prevalence of Material Process in the Chronicles, which is still strong paternal representation as a figure of power in the shaft family. But the tension that indicates the possibility of change is checked when that parent is represented as "Senser", through the Mental Process. Then it was concluded that the representation of the "father" in the chronicles is characterized in most cases as an active participant, the central institution of the family.

Keywords: Representation. Fatherhood. Chronicle.

Introdução

O presente trabalho tem como intuito fazer uma análise identitária com base na representação da paternidade em crônicas, tendo como pressuposto que, nas últimas décadas, estão ocorrendo transformações no papel do pai na sociedade, razão que nos leva a considerar relevante o estudo dessa identidade, uma vez que novos valores, ideologias e políticas estão sendo formadas e reestruturadas na cultura brasileira e especialmente na instituição familiar. Desse modo, a escolha do gênero crônica para esse estudo deve-se a seu caráter informativo e específico do cotidiano que, por estar diretamente ligada ao tempo (*chronus/crônica*), registra acontecimentos que podem ser significativos para a formação das representações e transformações socioculturais que permeiam nossa época.

Sendo assim, o referencial teórico-metodológico da pesquisa está fundamentado na Análise Crítica do Discurso – ACD – (FAIRCLOUGH, 2001) e amparado em estudos originários da Teoria das Representações Sociais (GUARESCHI; JOVCHELOVITH, 2003), conjuntamente a obras específicas da representação familiar (DIAS, 1992; BRUSCHINI, 1993, 2005). Este também busca subsídios na Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) para categorizar e analisar os textos, em termos dos processos e participantes (Sistema de Transitividade), utilizados nas representações, a partir dos grupos nominais representativos do pai.

1 Representação social: em busca de uma identidade

Partindo do pressuposto de que "a identidade imbrica-se com as representações da realidade que os indivíduos instituem em seus textos e com os relacionamentos sociais que os indivíduos articulam" (MEURER, 2002, p. 26), esta pesquisa busca averiguar tal imbricamento, apontando as características identitárias dos participantes, aqui, com especial atenção à figura paterna, e seu posicionamento social em dez (10) exemplares do gênero crônica. Assim, para entender a caracterização de uma identidade social, o estudo apóia-se também na *Teoria das Representações sociais* (GUARESCHI; JOVCHELOVITH, 2003), uma vez que, segundo Minayo (1985):

> As representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos

> comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem tomada como forma de conhecimento e interação social. (MINAYO, 1985, p. 108).

2 Representação familiar e a importância da paternidade

Conforme aventado na seção anterior, este trabalho está voltado para o meio familiar, mais especificamente para a representação da paternidade, mas, apesar de focalizarmos uma figura em específico, julgamos necessário compreender um pouco mais sobre a instituição familiar.

Segundo Dias (1992), a história da família brasileira é fortemente marcada pela história da sociedade europeia, da qual descendemos. E, por sofrermos influências da Revolução Industrial no século XIX, a família se constituiu no modelo patriarcal, "modelo recebido de padrões culturais portugueses" (DIAS, 1992, p. 61), prevalecendo até a década de 60, em que homens e mulheres possuíam papéis específicos e culturalmente estabelecidos.

Para a autora, esse tipo de estrutura familiar se distingue pela importância do núcleo conjugal e da administração masculina. Para Dias (1992), o patriarca é o chefe da família, a quem os demais membros devem obedecer, "é o responsável pela subsistência material" (DIAS, 1992, p. 61). Desse modo, busca-se, nesse trabalho, analisar a forma como é demarcada a importância da figura paterna, uma vez que "a família reproduz no seu interior os padrões da cultura em que vive" (DIAS, 1992, p. 13), tais como valores, sentimentos, ideias que são transmitidos ao indivíduo no processo de socialização, "processo através do qual o indivíduo incorpora os padrões sociais de sua cultura e aprende a comportar-se e a conviver com as demais pessoas" (DIAS, 1992, p. 11).

2.1 A construção do Gênero e da masculinidade

Essa legitimidade do patriarca citada anteriormente pode ser compreendida, segundo Connell (1995), a partir de uma masculinidade hegemônica que se define como a "configuração de práticas", ou seja, ações reais e não esperadas "em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gêneros" (CONNELL, 1995, p. 188), o que garantiria posições de dominação aos homens e de subordinação às mulheres.

Mas pensar essas estruturas, segundo o autor, seria destacar que "o gênero é muito mais que interações face a face" entre as pessoas em uma sociedade, uma vez que existe toda uma estrutura "englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade" (CONNEL, 1995, p. 189).

Nas palavras de Strey, Cabeda e Preh (2004, p. 120): "Gênero refere-se às diferenças socialmente construídas, a partir das relações sociais atravessadas pelos discursos, símbolos, representações e práticas".

Diante disso, Connell (1995) conclui que não existe uma única masculinidade, mas sim, o que se poderia chamar de masculinidades, sendo a masculinidade hegemônica a predominante dentre as outras. Estas vão sendo construídas e reconstruídas "e estão constantemente mudando na história" (CONNEL, 1995, p. 188-191). Usando as palavras de Moita Lopes (2006, p. 26):

> O modo como entendemos a masculinidade, por exemplo, só pode ser compreendido se for considerado de que homem se fala: onde vive, qual é sua classe social, como expressa sua sexualidade, qual a sua raça e em qual momento da história, e em que instituição está sendo focalizado [...] daí, falar-se hoje em masculinidades, [...] isto é *identidades fragmentadas* [...] todas coexistindo, ao mesmo tempo, na mesma pessoa.

Nesse sentido, sabendo-se que "é no cotidiano da vida familiar que surgem novas ideias, novos hábitos, novos elementos" (BRUSCHINI, 2005, p. 77) pelos quais as pessoas questionam as ideologias de dominação e criam uma lenta e gradativa transformação da sociedade (BRUSCHINI, 2005, p. 77), e que "os discursos não só refletem ou representam as identidades e relações sociais, mas também eles as constroem e as constituem" (VAN DIJK, 1997, p. 21), pretende-se, através da análise dos dados, averiguar como se deu a representação do pai na sociedade no interior das crônicas, quais características identitárias, acontecimentos e mudanças que contribuem para tal construção.

3 A ACD em Fairclough e sua contribuição para a investigação de fenômenos socioculturais por meio de ferramentas discursivas

Ao considerar a linguagem em ACD como uma forma de interação social e não como uma atividade meramente individual, Fairclough (2001) assinala que o discurso

colabora para a formação de todas as dimensões da estrutura social, que, por sua vez, o moldam e restringem suas próprias regras e convenções. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Desse modo, ele se preocupa, em sua teoria, não só com as relações de poder no discurso, mas também com a luta e as mudanças que podem repercutir nas práticas discursivas de uma sociedade (FAIRCLOUGH, 2001, p. 58). Na proposta de Fairclough (2001), o discurso é analisado a partir de uma estrutura tridimensional: *texto*, *prática discursiva* e *prática social*.

Segundo ele, os estudos relacionados ao *texto* têm como intuito avaliar a linguagem a partir do vocabulário, da gramática e de elementos linguísticos que ajudam no entendimento da textualidade, a *prática discursiva*, por sua vez, estuda o processo de produção, distribuição e consumo textual e a *prática social* está ligada a fatores socioculturais que modelam o discurso, as relações de poder e hegemonia nele engendradas.

4 LSF em Halliday: uma visão multifuncional da construção da realidade

Para o embasamento linguístico de suas análises, Fairclough (2001) sugere a teoria sistêmico-funcional de Halliday (1985), que "considera a linguagem como multifuncional e considera que os textos simultaneamente representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades" (FARCLHOUGH, 2001, p. 27).

Na perspectiva de Halliday (1985), ou seja, da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), analisar a linguagem implica uma abordagem tríplice, à qual se denominou de *metafunções: ideacional*, ligada ao modo como as pessoas representam a realidade e seus conhecimentos do mundo; *interpessoal*, vinculada à interação como estas se relacionam socialmente e *textual*, direcionada à forma como é organizada a construção linguística da mensagem. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), a *metafunção ideacional* é realizada pelo *Sistema de Transitividade*, caracterizado pelos tipos de processo, participantes e circunstâncias, pois "constrói o mundo de experiências dentro de uma série controlável de tipos de processos" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Conforme os autores, "cada tipo de processo providencia seu próprio modelo ou esquema para construir um domínio particular de experiência como uma figura de um determinado gênero" (*ibidem*). Para Fontanini (2002), é por meio "desses processos que o leitor/escritor e a leitora/escritora organizam gramaticalmente os seus textos, tornando

explícitas ou não as ações e quem as pratica", [ou seja,] "os participantes nos processos expressos pelos verbos" (FONTANINI, 2002, p. 230).

O *Sistema de Transitividade*, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), é composto por três processos principais denominados: *material, mental e relacional* e por três processos intermediários: *comportamental, verbal* e *existencial*. Conforme os autores, o processo *material* está relacionado às experiências externas e aos procedimentos do mundo externo. Eles representam ações físicas de coisas que estão acontecendo ou sendo produzidas, tendo *Ator e Meta* como participantes centrais de uma oração. O *Ator* é denominado como aquele que desenvolve, executa uma ação enquanto a *Meta* é o participante sobre o qual recai a ação. Ao contrário desse tipo de processo, as orações com processos *mentais* concebem experiências interiores, pertencentes ao mundo de nossa consciência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004 p. 170-203). Nesse tipo de processo, existe sempre um participante que é humano, isto é, aquele que sente, deseja, percebe, denominado como *Experienciador* e há também um elemento nomeado como *Fenômeno* que é aquilo que foi sentido, desejado ou percebido (p. 203).

Quanto ao processo *relacional*, este, de acordo com os autores, não constitui experiências externas ou internas, mas sim a de "relacionar um fragmento de experiência a outro" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170-203). Para os autores, estes podem ser classificados como *intensivos*, *circunstanciais* e *possessivos* que, por sua vez, podem ocorrer de duas formas: *atributivo* ou *identificativo*, cujos participantes são chamados de *Portador* e *Atributo*, *Identificado* e *Identificador* respectivamente (p. 219). Junto a esses tipos de processos, Halliday e Matthiessen (2004) trazem os processos *comportamentais*. Esses são representados por atos (instintivos) tanto fisiológicos (respirar, tossir, sonhar) quanto psicológicos (sorrir, chorar, olhar), tendo como único participante o elemento designado como *Comportante* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 248-250).

Na fronteira do processo *mental* e *relacional*, encontra-se o processo *verbal* representando "as relações simbólicas da consciência humana e configuradas em uma forma linguística, como dizer e significar" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.171), tendo como participantes *Dizente*, *Alvo*, *Receptor* e a *Verbiagem*. E no limite entre o processo *material* e *relacional*, segundo Halliday e Matthiessen (2004, p.71), encontra-se o processo *Existencial*, concebendo a existência ou o acontecimento de algo como *existir* e *haver*, sendo realizados por um único participante denominado *Existente*.

A transitividade, de acordo com Silva (1996), especifica os diferentes tipos de processos que estão presentes na linguagem, assim como as estruturas pelas quais eles são expressos, que, por sua vez, correspondem às seguintes classes gramaticais: processo (grupo verbal), participante (grupo nominal) e circunstâncias (grupo adverbial ou preposicional) (SILVA, 1996, p. 107).

Nesse sentido, esse estudo fundamenta-se na estrutura composta pelo grupo nominal, que, conforme Halliday e Matthiessen (2004, p. 310), é constituído por um membro experiencial e outro lógico. De acordo com eles, a parte experiencial é constituída pelos elementos: *Dêitico*, *Epíteto*, *Numerador*, *Classificador*, *Qualificador* e *Coisa*, enquanto a parte lógica possui dois dados: *Núcleo* e *Modificador*. Esses elementos giram em torno do que o autor chama de *Coisa*, categoria utilizada para o componente semanticamente denominado como *núcleo do grupo nominal*, o qual pode ser nome comum, próprio ou pronomes pessoais (p. 325) como exemplificados na frase: "Aqueles dois velhos esplêndidos *trens* elétricos de ferro" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 329).

Para Saparas (2007), baseado em Halliday e Matthiessen (2004), "o elemento *Dêitico* indica se algum subgrupo específico do núcleo está projetado ou não, e em caso positivo, qual" (SAPARAS, 2007, p.50). Conforme os autores, este pode ser *específico* (determinativo ou interrogativo), que são representados pelos pronomes demonstrativos (isto, este, esse, aquele, (o) qual, (a) qual etc.) e possessivos (meu, seu, nosso, de quem, etc.) ou *não-específico* (singular ou não singular), que são os demarcadores totais (cada, todo, ambos etc.) e parciais (um, algum etc.) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 312-314).

O *Numerador* é dito por Halliday e Matthiessen (2004) como sendo aquele que implica alguma representação numérica da subcategoria da *Coisa*, como quantidade ou ordem, podendo ser exata (um, dois, primeiro, segundo etc.) ou não (um pouco, muito, precedendo subsequência etc.). (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 317-318).

O *Epíteto*, segundo esses autores, pode ser classificado como *Experiencial*, indicando qualidade referente à *Coisa* como: velho, longo, rápido etc. ou *interpessoal*: expressões subjetivas do falante diante da *Coisa*, por exemplo: esplêndido, louco, fantástico (p. 318).

O *Classificador*, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), indica uma subclasse específica da *Coisa* como, por exemplo, trens *elétricos*. Segundo eles, algumas vezes a mesma palavra pode funcionar como *Epíteto* ou *Classificador*, mas ressaltam: "*Classificadores* não aceitam grau de comparação ou intensidade – nós não podemos ter um trem mais elétrico ou muito elétrico" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 319-321). O *Qualificador* é o elemento que procede a *Coisa*, é representado, conforme esses autores, não por palavras ou complexos de palavras, mas por frases e orações, exemplo: "O curso *de ciências* e o curso *de treinamento militar* estão muito próximos [...]", "O fumo *de tabaco* mudou costumes diários [...]" (p. 323).

Quanto à parte lógica do grupo nominal, conforme Halliday e Matthiessen (2004) explicam, esta é formada pelos elementos denominados *Núcleo*, classificado como

principal, e *Modificador* (pré e pós-modificadores). Estes "representam relações lógico-semânticas generalizadas que são decodificadas na língua natural" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Com base nesse aporte teórico, na próxima seção, explicitaremos os procedimentos metodológicos que conduzirão a análise do *corpus*.

5 *Corpus* e metodologia

Para o propósito deste trabalho, serão analisadas 10 crônicas, extraídas do livro "O Melhor das comédias da Vida Privada", de Luis Fernando Veríssimo, que nos traz a representação da paternidade de uma forma crítica e irreverente. Esta obra é um clássico dos anos 90, que foi escolhida pelo fato de conter marcas da representação social do "pai", evidenciando posições e crenças que podem estar arraigadas em nosso cotidiano, impactando na constituição identitária da paternidade. Na visão de Coelho (2009), a crônica pode ser compreendida como

> um gênero híbrido que parte do relato de fatos reais e possibilita um salto em direção à narrativa ficcional ou à exposição criativa, resultando em efeitos de sentido envoltos por elementos ora poéticos, ora irônicos ou humorísticos. Esse salto inventivo, por meio de recursos estilísticos, é uma marca do gênero e, ao mesmo tempo, um recurso que permite revelar a autoria e um estilo pessoal. (COELHO, 2009, p. 215).

A análise deste *corpus*, como já foi dito anteriormente, ocorrerá a partir do sistema de transitividade, por meio do qual procuraremos demonstrar os tipos de processos e participantes envolvidos nas orações, de forma a investigar como se deu a representação do "pai", quais processos aparecem com maior recorrência e como essa seleção de dados pode ser ideologicamente significativa em nossa sociedade.

Após esses procedimentos, os dados serão avaliados de acordo com a proposta tridimensional de Fairclough (2001), em que analisaremos a transitividade – baseando-nos nos grupos nominais formados com o núcleo *pai* – que nos ajudará no entendimento da representação da paternidade (*prática textual*); os dados que nos proporcionarão habilidade para cogitar sobre quem produz, consome e como ocorre a distribuição dos textos (*prática discursiva*); e os recursos que são utilizados pelos participantes na prática discursiva que repercutem em forma de poder e hegemonia em nossa sociedade e cultura (*prática social*).

6 Analisando os textos: a prática textual

Busca-se nesta etapa, avaliar a ocorrência de 36 *processos* e 23 *participantes* (Sistema de Transitividade) nos textos utilizados na representação paterna a partir dos grupos nominais, cujos dados percentuais obtidos estarão expostos nos gráficos 1 e 2.

Sistema de Transitividade

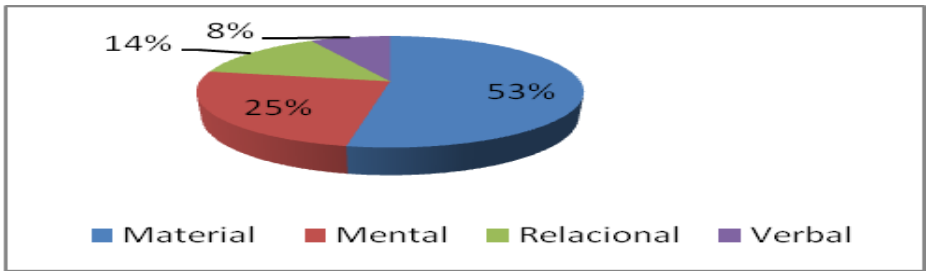

Gráfico 1: dados percentuais dos tipos de processos em que a palavra 'pai' aparece

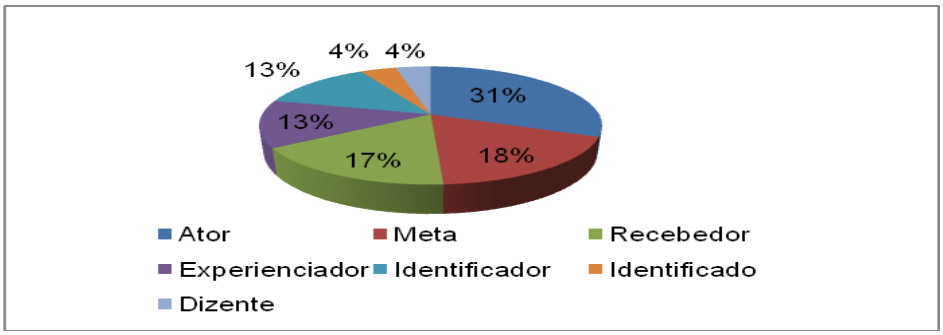

Gráfico 2: dados percentuais dos tipos de participantes da figura paterna nas crônicas

A partir do gráfico 1, verifica-se nos textos analisados uma predominância do processo *material* (53%). Esse tipo de processo, segundo Halliday e Matthiessen (2004), constitui características relacionadas às ações; eventos sendo criados, concebidos, transformados, cujas experiências estão ligadas ao nosso mundo externo. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), "os processos *materiais* constroem figuras de fazer e acontecer" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 180-182), que se dividem em processos de fazer, orações denominadas transitivas e acontecer, orações denominadas intransitivas. Estas de

acordo com os autores possuem mais de um participante (*Ator* e *Meta*) enquanto aquela possui apenas um (*Ator*). Conforme os autores, os participantes estão diretamente envolvidos com o tipo de processo, logo, é possível dizer que "a configuração de processo mais participantes constitui o centro experiencial da oração" (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 176).

Tomando-se como exemplo as orações *O pai da Ângela sacudiu a cabeça, querendo dizer, O pai de Ângela tentou avançar no Murilinho* (crônica: *O Murilinho),* ou ainda, *O pai ameaçou a bate*r *no Murilinho* (crônica*: Férias),* percebe-se primeiramente que há determinados tipos de ações físicas, orações de fazer (*sacudiu, ameaçou a bate*r, *tentou avançar).* Essas, por sua vez, recaem em um determinado objetivo em questão, ou seja, a *Meta* (*a cabeça, no Murilinho).* Nesse sentido, tem-se a presença de *grupos nominais* (*O pai de Ângela, O pai)* e a partir destes encontra-se o tipo de participante mais recorrente na análise (31%, Gráfico 2), classificado como *Ator* que pode ser visto claramente nas orações acima, representado pela palavra 'pai', aquilo que Halliday e Matthiessen (2004) chamam na Gramática Sistêmico-Funcional de *Coisa* (núcleo do grupo nominal). A função do *Ator*, para esses autores, na estrutura da oração como representação, é ser o participante ativo no processo o qual aborda uma ação, produz, faz escolhas. Sendo assim, compreende-se que a identidade paterna nesse contexto pode ser interpretada como um sujeito que tem uma posição central nos textos analisados, como aquele que pode agir fazer. Além disso, convém salientar que o pai foi representado também como *Meta* (18%) como mostra a oração: Você não *faria* isso (processo *material*) com seu pai (*Meta*) e como *Recebedor* (13%), que segundo Halliday e Matthiessen (2004) acontece apenas em orações 'transitivas transformativas', orações que denotam a transferência de bens, posses a outra entidade, que no caso seria o objetivo. Isto pode ser exemplificado em: *O pai ganha presentes* a partir do processo: *ganhar*, (crônica: *O Mundo restaurado*).

Em seguida, considerando-se as ilustrações (Gráfico 1 e Gráfico 2), nota-se que o processo *mental* foi o segundo mais recorrente nas crônicas (25%). Esse tipo de procedimento é demarcado para Halliday e Mathiessen (2004) por retratar experiências do mundo interior, ou seja, de nossa consciência. Conforme eles, essa categoria é marcada por conter orações ligadas ao sentir, querer, entender (p. 201), expressando também certos tipos de julgamentos "baseados em pareceres ou sentimentos pessoais" (FONTANI, 2002, p. 231), o que pode ser verificado em: *Aquele pai, também, não entendia* nada (crônica: *Pai não entende nada*). "Numa oração de processo *mental*, há sempre um participante que é humano, isto é, dotado de sentido, sente, pensa ou percebe" e sua propriedade mais significante está no fato de ser "dotado de consciência" (SILVA, 1996, p. 109), enquanto "o *Fenômeno* é aquilo que é sentido, pensado, percebido" (*ibidem*).

Dessa forma, é possível perceber que a figura paterna foi representada também pelo escritor como um *Experienciador (pai*). Para tanto, tais participantes se relacionam

com o processo *mental*, cujas orações, segundo Silva (1996), "envolvem sentimentos, pensamentos e percepções", como mostra o exemplo: *Até o pai de Ângela concordara em recebê-lo outra vez em casa*, (crônica *O Murilinho*), em que o núcleo do grupo nominal (*pai*), exercendo o papel de *Experienciador*, é regido pelo processo mental, caracterizado pela expressão denominada por Halliday e Matthiessen, (2004) como cognitiva (*concordara em recebê-lo*). "Nas orações mentais há quatro diferentes subtipos de sentidos tais como perceptivos, cognitivos, desejativos e emotivos" (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 208). Diante disso, nota-se que o tipo de *Experienciador* representado pelo autor também traz características que denotam seu lado mais emotivo e perceptivo, apontando assim para aspectos identitários de um pai observador e sentimental.

Verificou-se também a ocorrência do processo *relacional* (14%) em que a figura paterna é caracterizada como *Identificado* (13%) como mostra o exemplo: *Seu pai* **(***Identificado*) *é* (processo *relacional) latifundiário?* (Crônica: *Falando sério*). E uma pequena porcentagem como *Identificador* (4%), como pode ser visto em: *Quando soube que era* (processo *relacional*) *seu pai* (*Identificador*) (crônica: *A descoberta*).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), esse tipo de processo não constrói experiências nem internas nem externas, mas sim as relacionam a fim de identificar e classificar os elementos (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 210). E por último, percebeu-se a ocorrência do participante *Dizente* (*pai*) (4%), e do processo *verbal* (*pediu*) (8%): *O pai de Ângela pediu* (crônica: *O Murilinho*). Esse processo, segundo os autores, colabora na criação de narrativas na formação de diálogos (*idem*, p. 252). Nota-se então que o *grupo nominal* (*O pai*) é como aquele que dialoga, emite uma mensagem (a *Verbiagem*), confirmado assim, sua autoridade de pai, como detentor da palavra e, por isso, com direito a voz (Ex.: *O pai da Ângela pediu: por favor, minha filha. Não traga mais esse moço aqui*). Nessa oração, podemos perceber, na modalização e na semântica mais delicada do processo *pedir*, o que foi explicado acima quanto ao pai que deixa de ser apenas ator para expressar seu lado sentimental, acenando para um pai experienciador e emotivo.

7 Produzindo, distribuindo e consumindo textos: a prática discursiva

Na análise textual, verificou-se que o grupo nominal constituído a partir da palavra "pai" foi concebido na maior parte das crônicas como o agente principal na instituição familiar e como ator, mas às vezes apontando para um pai experienciador que cede espaço aos sentimentos e à emoção em vez de permanecer circunscrito ao papel de provedor do lar. Nesse sentido, pode-se dizer que a versão do pai ator-provedor se restringe a certas

ideologias e relações de poder, as quais por sua vez estão vinculadas aos processos de produção, distribuição e consumo textual, a partir de um discurso socioculturalmente construído e reproduzido, mas que pode ser desafiado e, quiçá, modificado.

Nessa visão do discurso construído socialmente, é cabível dizer que, para Moita Lopes (2006, p. 34) "a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso". Logo, como explica Hall (1990, p. 222), a identidade não é um fato concluído, mas sim uma produção, caracterizada por uma fluidez contínua.

Sabendo-se que, "o discurso é um modo de ação, uma forma em que os indivíduos podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91), apreende-se que a crônica pode ser considerada um gênero significativo na construção de identidades, podendo fazer com que o leitor, por meio das construções particulares que estão sendo arquitetadas, reproduza ou conteste quaisquer significados potencialmente ideológicos sobre a vida cotidiana, o que a torna relevante para este trabalho.

Como explica Ramos (2008), a crônica tem como característica a ligação entre a realidade palpável e a fantasia. "Seu autor - o cronista - busca nos acontecimentos cotidianos o conteúdo para seus textos, mas não se prende apenas à narração de um fato. Na verdade, ele capta o que passa diante de nós e que deixamos escapar" (RAMOS, 2008, p. 82). Para Sato (1994), a crônica ocupa uma coluna mais ampla no jornal, usando uma linguagem diferente da notícia, frequentemente a primeira pessoa sendo caracterizada como gênero heterogêneo e maleável que faz uso do paradoxo e do humor [...] (SATO, 1994, p. 254-255). E ainda, embora a crônica seja um gênero típico do jornal, esta não se limita a esse meio, sendo publicada também em revistas e livros, o que a faz alcançar um público variado e maior de leitores (RAMOS, 2008, p. 84-85).

Diante do hibridismo e particularidades do gênero crônica, é importante ressaltar que conforme Bakhtin (2000) os gêneros do discurso, enquanto tipos relativamente estáveis de enunciados, possuem riqueza e diversidade infinitas, uma vez que a variedade da atividade humana também é inesgotável, "e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa" (BAKTHIN, 2000, p. 279). No entanto, por mais variadas que sejam, salienta o autor, todas as esferas da atividade humana "estão sempre relacionadas com a utilização da língua" (*ibidem*), mais especificamente a natureza da relação entre os participantes em interação, o tipo de evento social, assim como os propósitos das pessoas em interação. E ainda, conforme Bakhtin (2000) é através das realizações linguísticas que se concretizam como enunciados que se validam e se conjetura

as condições sociais de produção pressupostas na interação de que fazem parte. Tais realizações linguísticas podem ser entendidas na visão de Fairclough (2001) como prática discursiva, ou seja, a materialização da linguagem através de textos, tanto no sentido escrito quanto falado.

A prática discursiva, conforme esse autor é formada tanto de modo convencional quanto criativo, colaborando "não só para reproduzir a sociedade, através de identidades sociais, relações sociais, sistema de conhecimento e crença, como também contribui para transformá-la" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99). Isso pode ser explicado pelo fato de que a prática discursiva, de acordo com o autor se liga a processos sociais de produção, distribuição e consumo textual, que por sua vez fazem "referência aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado" (*ibidem*). No caso da produção e o consumo, salienta Fairclough (2001, p. 99), "são de natureza parcialmente sociocognitiva, já que envolvem processos cognitivos de produção e interpretação textual que são baseados na estrutura e nas convenções sociais interiorizadas".

Nesse sentido, a produção e interpretação textual apresentam dimensões específicas para a análise de textos, tais como: intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva (interdiscursividade). A primeira caracteriza-se por apresentar textos com traços de outros textos; estes podem vir explicitamente marcados por traços ou aspas (discurso direto) ou podem incorporar outro texto sem que o último esteja explicitamente sugerido (discurso indireto) (FAIRCLOUGH, 2001, p. 136). De acordo com Fairclough (2001, p. 114), pode-se dizer que "a intertextualidade é basicamente a propriedade que tem os textos de ser cheio de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclado e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente e assim por diante".

E a segunda seria a constituição heterogenia de textos, com base na historicidade destes por meio de elementos das ordens do discurso, ou seja, conforme Fairclough (2001, p. 115), se a intertextualidade pode ser compreendida por intermédio das atividades, discurso e estilos delineados no texto, o conceito de interdiscursividade enfatiza "a configuração de convenções discursivas que entram em sua produção", mais especificamente demarca quais os tipos de discursos que estão sendo evocados na análise e como isso acontece. O autor assiná-la ainda que os discursos constituem formas particulares de construção dos textos de acordo com cada área do conhecimento e os interesses institucionais, logo, para se compreender o interdiscurso, ou as convenções dos textos atuais é necessário compreender o passado.

Sendo assim, pode-se ressaltar que na crônica *O Murilinho*, por exemplo, percebe-se que o cronista traz dois personagens que estão sendo representados de formas distintas

no contexto familiar. De um lado Murilinho, noivo de Ângela, um jovem excêntrico e brincalhão (Ex: *Naquele exato momento, apareceu o Murilinho – vestido de mulher vestindo um tailleurzinho jeitoso, salto alto um chapéu de aba larga*). De outro, o pai de Ângela exposto como homem sério, que por prezar pelos costumes e valores tradicionais, não queria a presença de Murilinho em sua casa, o que pode ser visto através de um pedido que parece mais uma ordem, ou seja, uma exigência do pai (*Depois que os convidados foram embora, o pai de Ângela pediu: Por favor, minha filha. Não traga mais esse moço aqui*).

Nesse sentido, pode-se verificar como os significados construídos através da oração exemplificam o controle do pai exercendo sua autoridade em relação à filha. Esse tipo de comportamento pode estar ligado à posição que a figura paterna tradicional ocupa na hierarquia familiar que é ser o chefe da família. E como homem na ordem dos gêneros se caracteriza como o dominador. Segundo Connell (1995, p. 189), "as relações de gêneros incluem relações entre homens, de dominação e marginalização".

Ainda nessa crônica, convêm salientar que, embora o cronista não tenha deixado claro as suas intenções, apreende-se que este por meio da ironia critica os valores sociais, especialmente aqueles voltados para a instituição familiar, levando o leitor a compreender que o tipo de procedimento de Murilinho não era propício para uma cerimônia em família.

Segundo Fairclough (2001, p. 158-159), a ironia ocorre quando um enunciado de um texto ecoa o significado de outro, podendo expressar algum tipo de atitude sobre este como, por exemplo, raiva, sarcasmo.

Esse tipo de crítica também pode ser encontrado na crônica: *As noivas do Grajaú* em que o cronista ridiculariza o comportamento das famílias através de um discurso conservador para falar da sexualidade feminina, evidenciando assim algumas crenças e preconceitos, como por exemplo, a proibição do ato sexual antes do casamento. Isso pode ser notado por meio da advertência explícita representado pela palavra 'só' como segue o exposto: *Aquele montinho de carne na base do dedão, por exemplo, só depois de casados.*

Ainda nessa crônica, usando a primeira pessoa (*esclareço*), o cronista simula uma conversa com o leitor, deixando implícita a questão do adultério e que este tipo de prática não é aceito na cultura brasileira (Ex.: *Antes que me acusem de incentivar o adultério... esclareço que minha noiva é puramente teórica*). Diante disso, é importante ressaltar que conforme Sarti (2004, p. 3), "cada família constrói, assim, sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a realidade vivida".

Na crônica *O Mendoncinha*, o cronista por meio de um discurso filosófico reproduzido na fala dos personagens também critica os ensinamentos, mitos e tabus criados

pela sociedade em relação à sexualidade, em especial a família que por controlar e vigiar os filhos, acaba direta ou indiretamente influenciando o comportamento sexual destes, como podem ser analisados em: *Tente relaxar... - Desculpe. É que tem uma parte de mim, que entende? Fica de fora, distanciada, assistindo a tudo. [...] - Calma. Eu sei como você se sente [...] Nessas ocasiões, sempre imagino que a minha mãe está presente [...]- Eu entendo. É como se fosse uma terceira pessoa na cama. - Certo, é o seu superego [...] meu superego e meu pai.*

Nota-se nessa passagem que foram perpetuados valores de dominação masculina e de opressão feminina por parte da família em especial o pai, que também é representado como controlador por reprimir os desejos sexuais da filha. Na visão de Pinheiro (2008, p. 1), baseando-se em Bruschini (1993), a família patriarcal se baseia "na exploração do homem sobre a mulher, tendo a sexualidade deste estimulada e reforçada, enquanto que com a mulher a sexualidade é reprimida".

Na Crônica *O Nono e o Nino* em que se observa o comportamento de um avô e de um neto respectivamente o cronista também critica o tradicionalismo e hábitos familiares, além do autoritarismo patriarcal através de ações como mandar, dominar (Ex: *O Nono era um avô italiano clássico. Nada lhe dava mais prazer do que reunir "la famiglia" em casa para os almoços de domingo [...] E o Nono dominava a mesa mandava servir vinhos [...] Inclusive o Nino, que improvisava um jogo de futebol com uma ervilha desgarrada e narrava o jogo com grande entusiasmo).* Nesse sentido, observa-se que o pai, que também se encontra na condição de avô, como mostra a oração, exerce sua autonomia sobre o neto assim como os outros componentes da família, confirmando assim sua posição de dominador.

Na Crônica *A descoberta* nota-se que a intertextualidade juntamente à interdiscursividade, podem ser constatadas através da ironia e do olhar crítico do cronista que traz à tona o discurso machista de um pai em relação ao filho, um estudante que mora fora de casa e é dependente financeiramente da família, cujos princípios e atitudes são contrários a este, como mostra o exemplo: *Este apartamento bem arrumado, livros por toda parte [...] Eu pensei que fosse entrar aqui, tropeçando em mulheres [...] Você quer dizer que o dinheiro que eu tenho mandado todos esses meses [...] está indo todo para a universidade e para o material didático [...] Não acredito. Você não faria isso com seu pai [...] Meu filho que decepção...* Nessa oração, pode-se dizer que a paternidade está interligada a identidade masculina quanto ao tipo de comportamento do pai, que demonstra ser o provedor, mantenedor da família, tendo controle financeiro sobre o filho. Além disso, esse pai exalta a condição de ser homem e heterossexual. De acordo com Moita Lopes (2006, p. 131), "a 'masculinidade' (e a heterossexualidade) é entendida como intrínseca aos homens, isto é, a norma". E ainda, na concepção de Connell (1995, p. 190), a maioria "dos

rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente a repressão de seus sentimentos".

Nesse sentido, pode-se dizer que, a partir do tipo de comportamento e a reação do pai quanto ao filho, construído pelo cronista deixa explicito de que este seria um homossexual. E ainda, é possível perceber que há uma inversão de valores em relação ao comportamento de pai e filho, uma vez que este demonstra muito mais responsabilidade e seriedade do mundo adulto do que o próprio pai, que age como se ainda fosse um adolescente.

Na crônica *O mundo restaurado*, apreende-se também dois tipos de mundo: o adulto que é descrito como o mundo das preocupações, responsabilidades e seriedade e o mundo infantil que traz as brincadeiras, o entretenimento, do qual esse pai gostaria de viver como pode ser visto em: *O pai ganha presentes que um pai costuma ganhar. Camisas, lenços, uma gravata [...] mas fica de olho nos presentes das crianças [...]*. Verifica-se que, nessa crônica, como que a figura paterna também traz características identitárias que reforçam práticas sociais destinadas à imagem do pai tradicional, ou seja, aquele que está acostumado a ser o homem forte, protetor da família, racional. Observa-se que a emoção e fragilidade desse pai ficam escondidas através do 'mas' escolhido pelo cronista ao dizer que embora esse pai pertença ao mundo adulto, ele também tem interesse nos brinquedos do filho, também tem sentimentos.

Já na crônica *Pai não entende nada,* pode-se verificar que também ocorre uma discrepância entre o pensamento conservador de um pai que vai de encontro ao comportamento contemporâneo da filha (Ex: *Um biquíni novo? [...] Você comprou um no ano passado! Não serve mais pai eu cresci. Como não serve? No ano passado você tinha 14 anos e este ano tem 15[...] Aquele pai, também, não entendia nada*). Nota-se que o cronista deixa explícito por meio da fala do personagem o espanto de um pai, quando sua filha, uma adolescente pede para que este lhe compre um biquíni novo, uma vez que o do ano passado já estava fora de moda. Nas palavras de Dias (1992, p. 45) "todos nós já vivenciamos algum momento na vida em que nos damos conta de que a maneira pela qual nossos pais foram educados diverge dos valores do grupo social no qual vivemos".

Na Crônica *Falando sério,* foi percebido que o cronista através do discurso descontraído e irônico expõe ao leitor argumentos como a injustiça social no Brasil, a impunidade e a dificuldade em se fazer a reforma agrária, dividindo opiniões entre os que são a favor da liberação de terras improdutivas aos pequenos agricultores, e os que são contra essa prática.

Através de uma linguagem coloquial e irônica, o cronista fala da questão dos grandes latifundiários possuidores de amplas quantidades de terras improdutivas no país, podendo ser comparadas ao tamanho do estado do Acre (Ex: *Seu pai é latifundiário?*

Tremendo lati [...] Quantos hectares ele tem? Ou Acres? É Acres ou hectares?). Ele fala da impunidade e parodia o fato de as próprias autoridades não fazerem a reforma agrária, uma vez que muitos são os maiores interessados em terras e possuem propriedades privadas (*Até eu achava meio radical. E olha que eu sou meio PT*).

É relevante dizer que tal oração também traz características identitárias de um pai pertencente ao sistema patriarcal, que por sua vez tem o controle não só da família, como também grande proprietário de terras ilegais. Sendo assim, levando em consideração a natureza constitutiva e socioconstrucionista do discurso, há que se levar em consideração não só a posição de dominador na ordem de gênero como também sua classe social.

A interdiscursividade assim como intertextualidade também se faz presente na crônica *Aqueles tempos*, uma vez que ao criar seus personagens Almiro e Cidinha, o cronista deixa implícito através do discurso autoritário de Almiro, o esposo e pai de família, acontecimentos políticos que marcaram o Brasil nos anos 50, como por exemplo, os comícios realizados contra Carlos Lacerda, político e jornalista do partido de oposição da época que, conforme Dulles (1992), foi apelidado de Corvo por ter revelado publicamente documentos sigilosos do Partido Comunista do qual fazia parte, como, por exemplo: *Que história é essa de: eu gostava do Lacerda [...] Cidinha nós fizemos comício contra o Lacerda. - E daí? Eu me lembro de você gritando "Corvo! Corvo"! [...] no dia seguinte a filha mais velha foi convocada. Sua missão: dissuadir o pai de sair de casa e pedir divórcio.* Através desse discurso criado pelo cronista percebe-se que este também satiriza e acentua a rapidez com que se desfez um casamento

Diante dessas reflexões sobre a produção, distribuição e consumo textual convêm salientar que a crônica é um gênero perspicaz e influente na leitura cotidiana, trazendo marcas intertextuais e interdiscursivas que contribuem para o entendimento e olhar crítico do leitor de como se dá a construção da identidade paterna criada pelo cronista. E ainda, de acordo com Moita Lopes (2006, p. 64), se, ao historiarmos a vida social, estamos construindo nossas identidades, logo, pode-se dizer que "o cronista é e sempre foi um contador de história, hábil no relato dos tempos e lugares recompondo as tramas dos personagens e acontecimentos, grandes ou pequenos" (PESAVENTO, 1997, p. 30).

8 Hegemonia, poder e ideologia: a prática social

Com base na análise textual e discursiva, verifica-se que a representação da paternidade se faz presente nas crônicas por meio de valores e ideologias que são formadas e reestruturadas na sociedade. No entendimento de Fairclough (2001), as ideologias são significações ou construções da realidade, construídas através de várias formas de práticas

discursivas que contribuem não só para produção como a transformação de relações de poder.

De acordo esse autor, os textos são formas de práticas sociais podendo ser moldadas ideologicamente pelos seus produtores que são influenciados de maneira inconsciente pelos exercícios de suas instituições como, por exemplo, a prescrição de regras, convenções sociais e relações de poder. Para Fairclough (2001, p. 122), a concepção de poder está diretamente ligada ao conceito de hegemonia, que é entendido como: "um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominações".

Sendo assim, verifica-se que a figura paterna na maior parte dos discursos analisados é idealizada como o membro dominador na ordem do discurso familiar. "Este se caracteriza pela importância do núcleo conjugal e da autoridade masculina" (DIAS, 1992, p. 61). Isso pode ser exemplificado através da crônica *O Murilinho*, em que se está clara a reprovação e autonomia do pai de Ângela, ao pedir à filha que não traga mais Murilinho em sua casa.

O pai nesse discurso é caracterizado como um homem conservador, que vai de encontro ao comportamento espontâneo de seu futuro genro Murilinho, reafirmando, assim, a concepção de que este não seria a pessoa adequada para a filha, por não se enquadrar nos costumes tradicionais da família, embora a personagem não fizesse questão (Ex: *Não adiantou a Ângela dizer que ninguém mais casava, quanto mais noivava*). Isso pode ser compreendido como uma forte mudança de comportamento feminino que se cogita na estrutura familiar. Em outras palavras, nessa crônica, é interessante ressaltar que o desinteresse da filha pelo noivado demonstra uma mudança de comportamento e valores quanto ao matrimônio, uma prática muito almejada pelas mulheres no sistema patriarcal. Nas palavras de Queiroz e Torres (2009, p. 2):

> Através do movimento feminista as mulheres passaram a pleitear oportunidades iguais de trabalho e sua emancipação sexual. Aumenta o número de separações, entre casais, mudando a concepção do casamento como laço indissolúvel.

É cabível dizer também que de acordo com o que foi dito pela personagem, de que *ninguém casava quanto mais noivava*, pressupõe-se que isso tem a ver com mudanças na estrutura familiar tradicional, composta por pai, mãe e filhos, uma vez que novas concepções e arranjos familiares estão surgindo em nossa sociedade, tais como a formação de famílias por pessoas que não possuem nenhum tipo de parentesco, casais que não

possuem filhos por opção, pais e mães solteiros, casais de homossexuais, tanto femininos quanto masculinos, dentre outras. Estas características definem o que Negreiros e Féres-Carneiro (2004, p. 39) chamam de "modelo novo de família", cujas "fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação".

A relação de poder é também percebida na crônica *A descoberta* em que o pai não só demonstra ter controle financeiro para com o filho, como também deseja que este tenha as mesmas atitudes que ele, evidenciando assim não só uma discrepância quanto aos valores da época do pai e do filho como também características machistas e preconceituosas.

O tipo de comportamento do pai deixa implícita a crença de que ter um filho homossexual na família seria motivo de vergonha, indo de encontro aos princípios morais sustentados pela instituição familiar tradicional, como é possível verificar na voz do personagem em: *E pensar que eu mostrava suas cartas para os amigos, com orgulho... Aquela que você mandou dizendo que ia sair com a Vera Fisher e precisava de...* Isso pode ser compreendido devido à predominância da heterossexualidade ao longo dos tempos, no entanto, de acordo com Connell (1995) sobre masculinidades, "as condições sob as quais a hegemonia pode ser sustentada estão constantemente mudando, logo, um dado padrão de masculinidade hegemônica está sujeito ou a ser contestado ou a ser transformado ao longo do tempo" (CONNELL, 1995, p. 192). E acrescenta: "a 'Liberação Gay' nos anos 70, lança uma poderosa crítica tanto dos estereótipos convencionais dos gays, quanto da masculinidade convencional, visto como fonte de opressão" (CONNELL, 1995, p. 195). Este movimento, conforme o autor está fundamentado "na forma principal de masculinidade subordinada na presente ordem subordinada de gênero".

Além do autoritarismo do pai em relação à sexualidade do filho, foi possível perceber através da crônica *As noivas do Grajaú* outro aspecto ideológico que se confirma na instituição familiar tradicional, que é a valorização e o controle da virgindade feminina. De acordo com a tradição familiar, isso pode ser interpretado como o meio pelo qual a mulher conseguiria um bom casamento e teria uma posição social.

Entende-se que o papel social do pai tem seu lugar já estabelecido dentro da sociedade, entretanto, verifica-se que estão ocorrendo transformações sociais, que de uma forma ou outra, acabam por se refletirem na instituição familiar, como por exemplo, a participação da mulher no mercado de trabalho como mostra o exemplo: *Ele contou que a mulher trabalhava muito ("Pesquisa", disse, vagamente)*.

Levando em consideração que, conforme Quinteiro (2002, p. 1), "a hierarquia de gênero vem sendo questionada e negada, sobretudo, a partir dos anos 50, do século XX, pelas organizações feministas", é relevante ressaltar que nos últimos anos, com o aumento

da participação da mulher no mercado de trabalho, muitas possuem ganhos financeiros superiores aos dos homens, sendo responsáveis pelo sustento familiar. Conforme Probst e Ramos (2003, p. 7), ainda que de maneira desigual que os homens, as mulheres alcançaram um avanço muito relevante "em áreas que antes era reduto masculino e apesar de ser de forma pequena, está sendo cada vez maior o número de mulheres que ganham mais que o marido".

Nesse sentido, segundo Lyra e Medrado (2008, p. 151) com a maior participação da mulher no mercado de trabalho, assim como nas organizações políticas e sindicais, houve também a necessidade da participação paterna no âmbito doméstico, assim como no cuidado com os filhos e a partilha de tarefas domésticas.

Essa mudança de comportamento masculino, conforme destacam Lyra e Medrado (2008), faz refletir o surgimento de uma nova paternidade. Esta outra paternidade leva em consideração não somente "o suporte econômico da família, na disciplina e no controle, mas principalmente uma participação maior na alimentação e em todos os aspectos do cuidado do bebê, inclusive no acompanhamento ao longo de seu desenvolvimento" (LYRA; MADRADO, 2008, p. 156).

Na crônica *Férias*, por exemplo, verifica-se que o papel do pai é arquitetado pelo cronista com determinadas modificações, seu comportamento já não se restringe ao papel de pai que sai para trabalhar enquanto a esposa permanece em casa. Ao contrário, este se mostra participativo na vida do filho, busca-o na escola, assiste a reuniões e teatros da escola, o que conforme a instituição familiar tradicional pode ser encarada como práticas mais afeitas ao papel da mãe como mostra a seguinte explicitação: *Conheceram na saída da escola. Ele ia todos os dias esperar a filha [...] Ele contou que a mulher trabalhava muito.* E ainda, pressupõe-se que é a mãe quem trabalha fora. Segundo Dias (1992, p. 61), "a industrialização trouxe uma amenização da autoridade do patriarca com o ingresso da mulher ao mercado de trabalho".

Outra forma de crença implicitamente constituída nesse discurso é a questão do adultério. O personagem *pai de Paula* demonstra interesse pela mãe do colega da filha e ambos são casados, entretanto, o cronista cogita a possibilidade de um relacionamento extraconjugal visto como uma prática considerada ilegal de acordo com os costumes familiares brasileiros (*Aos poucos, no transcorrer do ano letivo, foram se conhecendo [...] Foi, mesmo, num intercâmbio de moldes que as mãos deles se tocaram pela primeira vez)*.

Nesse sentido, convém salientar que embora algumas transformações tenham surgido na família atualmente, de acordo com Pinheiro (2008), assim como em Bruschini (1993) conservam-se traços da família patriarcal tais como "o predomínio da repressão da sexualidade feminina e da intolerância para com o adultério, enquanto nos homens a pratica

é estimulada e, por consequência, o adultério masculino é tolerado" (PINHEIRO, 2008, p. 3).

Na crônica *O Mundo Restaurado*, percebe-se que o pai demonstra interesse pelas brincadeiras e brinquedos dos filhos e age como nos tempos de criança indo de encontro à imagem de 'pai' na sociedade brasileira tradicional, como de uma pessoa séria a quem são destinados somente compromissos e responsabilidades, como em: *Ele só ganha presentes de homem sério, de homem preocupado com os problemas contemporâneos. Lenços brancos, camisas sóbrias, meias pretas e marrons[...]*. É interessante também ressaltar que o modo como se confirma a voz da mãe e a maneira como o pai se preocupa com a atitude dela demonstra que esta também tem certo controle na família (Ex: *Escuta, a mãe não está nos ouvindo. Eu te dou todos os meus lenços e tu deixa eu armar o autorama aqui no seu quarto, com a porta fechada*).

Observa-se que o pai, associado à identidade de chefe da família, aquele responsável pelo bem estar da esposa e dos filhos e ao mesmo tempo, macho, viril muitas vezes são proibidos de expressarem carinho, ternura aos filhos, ou dor, por estas remeterem a características consideradas femininas, principalmente na cultura patriarcal. Mas, de acordo com a oração expressa anteriormente, pode-se perceber que o pai também demonstra seu lado mais sensível e extrovertido, ao lembrar sua infância e querer brincar. De acordo com Gomes (2003), com base em Nolasco (1997, p. 827):

> No modelo de masculinidade a ser seguido, ressaltam-se as ideias de que o homem de verdade é solitário e reservado no que se refere ás suas experiências pessoais, ou, quando muito superficial e prático, direcionado para agir e realizar atividades. Por outro lado, espera-se que o homem compreenda demandas emocionais de suas parceiras e de seus filhos, sendo sensível.

Desse modo, percebe-se que ainda é forte a participação da figura paterna como a autoridade máxima no seio familiar. Entretanto, observa-se que alguns acontecimentos como, por exemplo, a participação feminina no mercado de trabalho e o contraste entre costumes tradicionais e os contemporâneos podem ser considerados pontos de transformação e importantes indícios de mudanças sociais, uma vez que o 'pai' também vem sendo representado, em segundo lugar, como um experienciador; o que justifica seu lado mais emotivo.

Conclusões

Com base nas considerações feitas no decorrer do texto, é possível dizer que a representação da realidade é construída a partir de valores, crenças e ideologias existentes na sociedade, que, por sua vez, refletem a maneira como os indivíduos se posicionam e negociam poder em seus textos, a partir de marcas que funcionam como pistas direcionais de leitura, o que procuramos expor por meio do sistema de transitividade.

Nesses termos, a representação da paternidade pode ser entendida como a autoridade máxima no grupo familiar como reprodução de uma forma de pensamento social, histórica e culturalmente construída e ainda mantida em vários aspectos, mas que, nas crônicas analisadas, foi demarcada por um discurso irônico criado pelo narrador, evidenciando questões relacionadas ao preconceito, homossexualismo e principalmente confrontos entre as convenções familiares de antes e as atitudes e costumes atuais.

Observa-se, a partir das análises das crônicas, que ocorrências e alterações ligadas ao advento da mulher no mercado de trabalho e outros tipos de circunstâncias tais como a independência sexual feminina, a efemeridade de uniões conjugais e a independência financeira feminina têm contribuído para mudanças significativas na representação social da paternidade. Estas, por sua vez, podem ser percebidas através da maior participação da figura paterna na vida escolar e sentimental dos filhos, e na divisão de tarefas domésticas. Sendo assim, verificou-se que o cronista faz uso de uma linguagem informal, simples e ao mesmo tempo sarcástica, se omitindo várias vezes através da fala de seus personagens, para fazer a crítica, podendo tanto instigar como influenciar a interpretação do leitor por meio da crônica.

Para tanto, a ancoragem em diferentes discursos e pontos de vista apontados especialmente pela interdiscursividade e intertextualidade, constituíram o cenário ideal para uma crítica sagaz originária num olhar sobre uma conjuntura em que a fluidez identitária se sobressai aos pontos de vista essencialistas e apontam para a possibilidade de mudanças as quais foram demonstradas nas diferentes tomadas de posição e principalmente em algumas alterações comportamentais da figura paterna no interior da instituição familiar que também se mostra em transformação.

É importante ressaltar que, em nenhum momento, foi percebida uma mudança efetiva ou alteração extrema nos papéis de gênero e na própria estrutura familiar. Isso talvez se deva ao fato de que a concepção patriarcal ainda se perpetua em nossos dias, principalmente quanto às relações de dominação e poder entre homem e mulher e consequentemente no que se refere ao papel do pai como predominante. No entanto, percebe-se que muitos acontecimentos e conquistas, principalmente referentes ao gênero

feminino, trouxeram novas perspectivas e olhares quanto à figura paterna na contemporaneidade.

Referências

BAKTHIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Org.). *Infância e violência doméstica*: fronteiras do conhecimento. 4. ed. São Paulo, Cortez, 1993.

COELHO, I. S. *Hibridismo do gênero crônica*: discursividade e autoria em produções do E.F.II, 2009. 263f. Tese (doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05022010-110307/pt-br.php >. Acesso em 25 mar. 2011.

CONNELL, R. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

DIAS, M. L. *Vivendo a vida em família*. São Paulo: Moderna, 1992.

DULLES, J. W. F. *Carlos Lacerda*. Tradução de Vanda Mena Barreto de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FONTANINI, I. Carta ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros Textuais e práticas discursivas:* subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002. p. 225-238.

GOMES, R. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 3, p. 825-829, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17463.pdf >. Acesso em: 18 abr. 2013.

GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos em Representações Sociais.* 8. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2003.

HALL, S. Culture identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity:* community, culture, difference. Londres, Lawrence e Wishart, 1990.

HALLIDAY, M. A. *An introduction to functional grammar***.** London: Edward Arnold. 1985.

HALLIDAY, M. A; MATHIESSEN; C. M. I. M. *An introduction to functional grammar***.** 3. ed. London: Edward Arnold. 2004.

LYRA, J; MEDRADO, B. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, p. 145-157, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9873/>. Acesso em: 08 abr. 2013.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros Textuais e práticas discursivas:* subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002. p. 17-29.

MINAYO, M. C. S. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em Representações Sociais.* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 89-111.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas*: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

NEGREIROS, T. C. G. M; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 4, n. 1, p. 34-47, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v4n1/v4n1a04.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2013.

PESAVENTO, S. J. Crônica: a leitura sensível do tempo. *Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 5, n. 7, p. 29-37, 1997. Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6184/3677>. Acesso em: 18 abr. 2013.

PINHEIRO, L. J. C. O Patriarcado presente na contemporaneidade: contextos de violência. 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST66/Leonardo_Jose_Cavalcanti_Pinheiro_66.pdf>. Acesso em: 12/ Abr/2013.

PROBST, E. R.; RAMOS, P. A evolução da mulher no mercado de trabalho. *Instituto Catarinense de Pós-Graduação*. Santa Catarina, 2003. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/website/pt_br/? >. Acesso em: 19 abr. 2013.

QUEIROZ, M. G; TORRES, N. A. Relações entre pais e filhos: as transformações historicamente determinada. *Revistas Eletrônicas da Toledo Presidente Prudente*, v. 2, n. 2, p. 21-76, 2009. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/>. Acesso em: 16 abr. 2013.

QUINTEIRO, M. C. Proposta para uma nova "igualdade" de gênero na família. UPS, São Paulo, 2006. In: *Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, XIII, 2002, Ouro Preto,

Minas Gerais. Anais do Congresso de encontro de Associação Brasileira de Estudos Populacionais de Ouro Preto, XIII, 2002, p.1-10. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_PO10_Quinteiro_texto.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2013.

RAMOS, K. G. O Jornalismo e o Literário na Leitura Escolar: o uso da crônica como gênero motivador para a formação do leitor. *Revista Solta a Voz*, v. 19, n. 1, p. 79-91, jan./jul. 2008.

SAPARAS, M. *A Estrutura do Grupo Nominal no Rema:* a valorização do dinamismo comunicativo. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In: VANNUCHI, P.; NOVAES, R. (Org.). *Juventude e Sociedade*: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2004. p. 115-29.

SATO, N. Leitura e polifonia em sala de aula: a crônica jornalística na escola. *1° Simpósio de pesquisa da FEUSP*, v. 31, p. 251-256, 1994.

SILVA. C. L. C. Uma Introdução à Gramática Funcional de Halliday. *Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras FAPA*, v. único, n. 17, p. 93-117, 1996.

STREY, M. N; CABEDA, S. T. L; PREHN, D. R. *Gênero e cultura:* questões contemporâneas. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

VAN DIJK, T. A "Discourse as interaction in society". In: VAN. DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as social interaction*. Londres: Sage, 1997.

VERÍSSIMO, L.F. *O Melhor das Comédias da Vida Privada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

Recebido em 25 de outubro de 2012.
Aceito em 20 de abril de 2013.

LUCIMAR APARECIDA SILVA
Graduada em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: lucimarsilvaletras@yahoo.com.br.

CLÁUDIO MÁRCIO DO CARMO
Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG - 2005). Professor Adjunto IV da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Atua na graduação e no Programa de Mestrado em Letras (PROMEL/DELAC/UFSJ), do qual é o atual coordenador. E-mail: claudius@ufsj.com.br.